



Etnoarqueologia da cerâmica angolana

Maria Helena Benjamim*

P. 77-83

Breve histórico

Arqueologia em Angola no período antes-independência

Falar da pesquisa arqueológica em Angola¹ é dizer que somente a partir do século XIX (1918) que os primeiros vestígios arqueológicos foram encontrados. Até ao fim deste século as pesquisas eram caracterizadas isoladas e individuais. Dois artigos foram publicados com objectos encontrados (Severo e Delgado 1890) o artigo de Delgado refere que os achados foram encontrados pelo Padre Antunes.

Além da indicação das peças líticas não há nenhuma referência do contexto deste material. A partir dos anos 1940, a pesquisa começa a mudar de método, vemos assim o surgimento de publicações sobre a Pré-história do País com a criação de um dos primeiros museus (Museu do Dundo-Lunda). Este foi criado pela Companhia de Diamantes d'Angola, o qual foi consagrado para estudos do Povo Lunda Tchokwe, entretanto as actividades alargam-se dando lugar a publicação arqueológica com a publicação periódica "Publicação Cultural do Museu do Dundo.

A primeira publicação sobre Arqueologia é feita por Janmart (na altura Chefe dos Serviços de Prospeccção da Companhia de Diamantes de Angola). Estes vestígios provinham da recolha de superfície e outros encontrados no tapete rolante da extracção de minério, feita de uma forma aleatória, o que quer dizer que este material não tinha contexto



Fig. 001 - Localização geográfica de Angola.

* Museu Nacional de Arqueologia de Benguela - Angola; Doutorando Université Paris 1 Panthéon Sorbonne.

¹ Angola situa-se na Costa Ocidental de África a Sul do Equador; o país é limitado a Norte e Nordeste pela República Democrática do Congo (Ex. Zaire), a Este pela Zambia, a Sul pela Namíbia, e a Oeste pelo Oceano Atlântico, com uma superfície de 1 246 700 km².

estratigráfico. Como por exemplo o método de escavação utilizado por Janmart também era inapropriado, porque fazia pequenas sondagens utilizando a força bruta e instrumentos inadequados a uma escavação metódica, onde os métodos estratigráficos eram determinados de 10 em 10cm.

É neste contexto de pesquisa regional, mas também com um olhar sobre as pesquisas feitas em outros países que Janmart convida outros arqueólogos tais como D. Clark, Leackey, H. Breuil a virem escavar em Angola e publicarem os resultados das suas pesquisas no periódico do Museu do Dundo, marcando assim o princípio de uma arqueologia mais organizada, mesmo se as escavações (sondagens) eram ainda raras e com os métodos da época. Nos anos 1950, os geólogos que trabalhavam na banda costeira no Sul do País e pesquisadores portugueses tais como Mota, Almeida, França, Martins, Carvalho, Neto, Ervedosa, Ramos, vão conduzir as pesquisas na região Norte e centro do País.

Nos princípios dos anos 1970 são criadas as instituições em Luanda tais como o Instituto de Pesquisas de Angola que cria também um boletim onde publica os resultados de algumas descobertas no sudoeste de Angola (Ramos) e a Universidade de Angola (hoje UAN), que assegura a formação dos estudantes em arqueologia onde os pioneiros Santos Júnior e Carlos Ervedosa vão ensinar a disciplina, e ao mesmo tempo vão organizar campanhas de prospecção e mais tarde as escavações arqueológicas das quais os resultados foi a descoberta de vários sítios arqueológicos em Angola.

Arqueologia em Angola no período pós-independência

Com a criação do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela (MNAB), por Luís Pais Pinto, em 1976, veio contribuir para as pesquisas arqueológicas, progredindo assim os conhecimentos sobre a Arqueologia na região de Benguela. Esta pesquisa é caracterizada por prospecções e recolha de superfície.

Nos anos 1980 é descoberto o sítio da Cachama, isto foi graças a um corte feito para a construção da estrada que liga o município da Baía Farta à comuna da Macaca.

A estação arqueológica da Cachama encontra-se à cerca de 3 Km a Sul da Baía-Farta. O corte permitiu, a equipa técnica do MNAB, de pôr em evidência a existência de três níveis de conchas cobertos por uma camada de areia de cor vermelha. As prospecções mostram que na realidade se trata de um conjunto de estações de uma superfície de cerca de 12 000 m² denominado “Complexo Arqueológico da Cachama”.

As primeiras sondagens foram efectuadas em 1982, com a colaboração e participação de arqueólogos portugueses, seguiram-se outras em 1983 até 1987, estas últimas com a participação de arqueólogos vindos do CICIBA-Gabão.

Na Cachama 1 uma quadrícula de 161 m² foi escavada até uma profundidade de 2 m. Os resultados são importantes na medida em que se trata de um concheiro de origem antrópica com vários tipos de conchas, restos de peixe, ossos de pequenos animais e de vestígios de cultura material como cerâmica, fragmentos de ferro, contas (ou pérolas) feitas de conchas ou casca de ovo de avestruz.

Na estação da Cachama 3, uma escavação de 112 m² foi realizada com descobertas também muito interessantes. Em superfície encontrou-se microlitos e fragmentos de cerâmica. A estratigrafia da Cachama 3 é similar a da Cachama 1 assim como o conteúdo arqueológico.

Do ponto de vista cronológico, datações C14 realizadas sobre carvão de madeira indicam uma idade antiga de mais de 2 000 anos para a ocupação das estações arqueológicas da Cachama.

Nos princípios dos anos 1990 foi estabelecida uma cooperação científica arqueológica entre o MNAB e a Universidade de Paris 1 (Laboratório de Pesquisa sobre a África (CNRS). Esta colaboração entre os dois países tinha como objectivo a formação de quadros angolanos, e prosseguir com as pesquisas arqueológicas na região da Baía-Farta com métodos actuais em pré-história. Estas pesquisas levaram a descoberta de vários sítios do paleolítico nesta região entre eles Dungo IV, V, VI e XII, que foram escavadas.

Contexto

O trabalho de estudo que nós apresentamos inscreve-se na continuidade das pesquisas feitas em Master na especialidade “Recherche Archéologique Préhistorique et Protohistorique”, (Cours de technologie céramique, Préhistoire, Archéologie, Histoire des Arts de l’Afrique Subsaharienne), na Universidade de Paris 1 - Panthéon Sorbonne.

Partiremos de uma constatação que é a do estado actual da pesquisa sobre o neolítico em Angola e que se caracteriza pela ausência notória de metodologia. O material arqueológico atribuído à este período é sempre o resultado de campanhas de recolha de superfície e quando há escavação, na realidade trata-se de pequenas sondagens sem método. Esta situação conduziu à uma ausência de estratigrafia e logo à uma dificuldade objectiva para colocar o material arqueológico numa cronologia fiável.

O sítio da Cachama pode ser em princípio atribuído ao neolítico, isto porque a cerâmica que nós encontramos na altura das escavações é associado ao material lítico em particular aos microlitos.

A partir de 1976, várias colecções cerâmicas provenientes de diversos sítios arqueológicos de Angola, foram depositadas nas nossas reservas do acervo arqueológico. Isto permitiu constatar a existência da cerâmica sobre uma grande parte do País. Portanto, nós constatamos que este material é proveniente de sondagens cuja origem estratigráfica é desconhecida. Desta série de ausências metodológicas resulta uma certa incapacidade para analisar os vestígios do passado com instrumentos científicos actuais, ou seja com dados de laboratório para exceder o quadro estreito da tipologia.

Assim, em Angola em particular, um dos materiais chave do neolítico, a cerâmica, é frequentemente analisada a partir da forma, da decoração, do ponto de vista tipológico sem contributo real sobre o fabrico e as funções.

Do nosso ponto de vista, é necessário mudar os métodos de abordagem e nos propomos fazer o estudo tecnológico da cadeia operatória de fabrico da cerâmica sobre o conjunto da província de Benguela.

Esta análise permitirá explicar o fabrico, as técnicas de acabamento, o uso e a comercialização da cerâmica actual regional. A partir desta abordagem sobre a cadeia operatória da cerâmica actual tencionamos comparar os nossos dados com os dados da arqueologia. É esta diligência que qualifica-se de **Etnoarqueologia**, porque começa do actual (etnologia) para tentar abrir a pista de investigações sobre o passado (arqueologia).

Metodologia

Do ponto de vista etnológico, é o inquérito de terreno junto das oleiras que vai trazer-nos dados sobre a cadeia operatória.

Do ponto de vista arqueológico, é a escavação arqueológica metódica que vai permitir-nos identificar os níveis estratigráficos fiáveis do neolítico e fazer-se novas datações com o material encontrado.

Do ponto de vista prático, nos propomos estudar a cerâmica arqueológica depositada no Museu de Arqueologia de Benguela proveniente de diferentes sítios arqueológicos, para a comparar com a cerâmica do sítio Cachama. Este estudo permitirá verificar se há semelhanças morfológicas, do ponto de vista da decoração, e sobre as técnicas de fabrico e de acabamento.

Estudo da cerâmica actual

A cerâmica é um bom documento de valor cronológico na História da Humanidade. Fruto de um saber-fazer transmitido de geração em geração, decorada frequentemente com cuidado, ela é utilizada de várias maneiras. Ela é um testemunho privilegiado das sociedades que a produzem e utilizam. Estes objectos são utilizados para usos diversos, assim como para a cozinha, para mesa, para armazenar alimentos ou transporte de água, pelas sociedades antigas e até aos nossos dias.

Zona de estudo

A zona de estudo limita-se a Província de Benguela, localizada no litoral centro de Angola, constituído por 10 municípios: *Benguela* (a capital), *Baía-Farta*, *Balombo*, *Bocoio*, *Caimbambo*, *Chongoroi*, *Cubal*, *Ganda*, *Catumbela* e *Lobito*, distribuídos numa superfície de 37 802 km².

Aquisição de conhecimentos

Interrogadas as oleiras, elas informaram-nos que foi com as suas avós que aprenderam a profissão. Segundo elas, a avó dizia que, a pessoa que se consagrasse a esta profissão, não podia ter outras tarefas. As oleiras ao comercializarem a cerâmica, em certa medida elas eram independentes financeiramente e podiam subvencionar as necessidades da sua família. Hoje as pessoas já não vivem desta tarefa, porque é um trabalho difícil e que o esforço e a compensação financeira não o justificam.

A cadeia operatória da fabricação da cerâmica sucede-se em várias etapas que são:

- aquisição da matéria-prima
- preparação da pasta (argila)
- fabrico
- decoração e tratamento da superfície
- secagem
- cozedura

Esta última, ao eliminar a água da constituição da argila vai mudar a sua natureza. Para facilitar o nosso trabalho classificamos em dois grupos quanto a cadeia operatória de fabricação, (“maneira-de-fazer”).

- o primeiro a partir de uma bola de argila (grupo 1)
- o segundo em rolos de argila “colombin”.

Estudo efectuado junto dos dois grupos de oleiras que habitam na região de Benguela - Angola

Cadeia operatória de fabricação	Grupo 1	Grupo 2
Acquisição/extracção da matéria-prima	A extracção da argila é feita em blocos.	Escolhem um lugar à margem de um rio onde a argila é em forma de pasta.
Preparação da pasta	Tritura-se a argila com instrumentos em madeira ou em pedra, depois junta-se água para se obter uma pasta homogénea, esta mesma pasta fica em repouso durante 3 à 5 dias.	Deixa-se a pasta de argila em repouso durante uma semana para a decantação.
Confeição/fabrico	A partir de uma bola de argila, faz-se um furo ao centro da mesma e vai-se esticando para cima até se obter o tamanho desejado.	Aos rolos de argila que vão-se sobrepondo (um à um) até atingir o tamanho desejado do recipiente.
Decoração	Impressão e incisão (instrumentos feitos com restos de cabaça ou casca de côco, pentes feitos de madeira).	Impressão e incisão (instrumentos restos e cabaça e em plástico, instrumentos ponteagudos como por exemplo pente de madeira.
Secagem	Ao ar-livre (a sombra de uma árvore durante uma semana.	Ao ar livre (a sombra de uma árvore durante uma semana.
Cozedura	Ao ar-livre (os recipientes são postos sobre uma camada de lenha seca misturada com capim e depois cobertas por uma outra camada idêntica).	Numa fossa (buraco) aberta, os recipientes são postos virados para cima sobre uma camada de lenha misturada com palha (capim) e depois cobertos por uma outra camada.

Combustível	Madeira (lenha), palha (capim) e ervas.	Madeira (lenha), palha (capim) e ervas.
Cadeia operatória de fabrico (método e técnica)	A quantidade de argila em forma de uma bola é que determina o tamanho do recipiente.	O tamanho da base (feita de palha ervas em forma de círculo) é que determina o tamanho do recipiente.
Tratamento da superfície	Mão, instrumentos feitos de restos de cabaça, casca de côco e folhas de árvore.	Mão, instrumentos feitos de restos de cabaça e de plástico.
Tratamento do recipiente após cozedura	Porção vegetal preprada a partir de vegetais e raízes de plantas que dão a coloração vermelha.	A cor do recipiente é dada pela cozedura, a parte que recebeu a totalidade do calor durante a cozedura fica vermelha e a que não recebeu fica acinzentada.

Conclusão

- São as mulheres que praticam a olaria, pode-se constatar que existe um saber adquirido e transmitido de geração em geração e que os procedimentos são conservados. Os homens ocupam-se das tarefas pesadas tais como o transporte da matéria-prima e o transporte do produto acabado para o mercado para ser;
- As oleiras são além de produtoras da cerâmica, detentoras de diversas tradições histórico-culturais, que chegaram até aos nossos dias, cujas práticas utilizadas continuam a ser rudimentares, como o afirmam as oleiras. Comercializado.
- Concernente a tipologia parece existir uma semelhança entre os dois grupos estudados, a maior parte dos vasos são do tipo «Ndimbe/Ochilindo» (em língua regional Umbundu) que são usados como pratos e tigelas, os do tipo «Ndungu» que são painéis médios usadas para cozinha e as do tipo «Tchissanga» que servem para armazenar os alimentos e transporte de água.
- Podemos também constatar que a cerâmica é executada para fins utilitários específicos e se destina a ser utilizada para uso doméstico, assim como para troca com outros produtos (sal, sabão, peixe-seco) e para a venda. Em relação ao comércio, constata-se que actualmente as pessoas compram a cerâmica tanto para uso culinário assim como para uso decorativo.
- Após a análise da cerâmica arqueológica e a cerâmica actual, nós constatamos que existem semelhanças entre elas quanto a morfologia que são: os pratos, tigelas, moringues, grandes recipientes que servem para armazenamento “stokagem” dos alimentos e transporte de água. Concernente a decoração tanto a cerâmica arqueológica como a actual, ela é feita em impressão e incisão.

Referências bibliográficas

- Clark J. D., (1966), «The distribution of Prehistoric Culture in Angola», Subsídios para História, Arqueologia, Etnografia dos povos da Lunda, Serviços Culturais da Diamang. Lisboa.
- ____ (1973), *A Pré-História de África*, Editorial Verbo, Lisboa.
- ____ (1968), Subsídios para a historia, arqueologia, etnografia dos povos da Lunda: Further paleo-anthropology studies in northern Lunda, Diamang, 78, Museu do Dundo, Lisboa.
- Desbat, A. et Schmitt, A. (2003), *Techniques et méthodes d'étude*, in La céramique, La poterie du Néolithique aux Temps modernes, Paris, Errance.
- Ervedosa C. (1980), *Arqueologia Angolana*, Ministério da Educação da Republica Popular de Angola.
- Gallay A. (2012), *Poteries du Sahel, à la découverte des traditions céramiques de la boucle du Niger (Mali)*. Infolio éditions, CH-1124 Gollion.
- Gutierrez, M. (1999), *Archéologie et anthropologie de la nécropole de Kapanda (Angola)*, L'Harmattan-Paris.
- Lanfranchi R. et CLIST B. (1991), *Aux Origines de l'Afrique Centrale*, Centres Culturels Français d'Afrique centrale, Libreville, Gabon, CICIBA, pp. 165-224.
- Pais Pinto L. J. M. (1987), *Le Musée National d'Archéologie de Benguela Angola: bilan des premiers travaux, 1979-1987*, Nsi, 3.
- ____ (1992), *Arqueologia de Benguela. A Idade da Pedra e do Ferro*, Lisboa, LEBA, n.º 7.
- Santos J. et Ervedosa C. (1978), *A Estação Arqueológica de Benfica*; Ciências Biológicas, 1,2, pp. 95, 36 planches.
- Severo R. (1890), *Primeiros Vestígios do Período Neolítico na Província de Angola*, Revista de Ciências Naturais e Sociais, pp. 1-4.
- Smith, A. L. (2007), *Chaîne Opératoire de la Poterie, Références ethnographiques, analyses et reconstitution*, Thèse pour obtention du grade de Docteur en Philosophie et Lettres, présentée à l'UB 2000-2001.